

Conversas à Volta do Peso e da Leveza

Programa das Conferências

07/11 Sábado

11.00 DA LEVEZA – Convento S. Francisco

Américo Rodrigues, Performance

Abertura da exposição Esculturas Leves

13.00 Almoço volante Convento S. Francisco

15.00 DA ESCRITA Auditório do Arquivo Municipal

João Barrento

Manuel Portela

Rui Torres

João Barrento

21.00 ESCULTURAS LEVES, A CESTARIA COMO MATÉRIA Convento S. Francisco

Um documentário de Pedro da Conceição

22.00 DIFICILMENTE O QUE HABITA PERTO DA ORIGEM ABANDONA O LUGAR

Um documentário de Catarina Rosendo e Olga Ramos

08/11 Domingo

11.00 DO SUSPENSO Auditório do Arquivo Municipal

Vítor dos Reis

Tomás Maia e André Maranhã

Rui Oliveira

13.00 Almoço volante Convento S. Francisco

15.00 DA TERRA E DO AR

Catarina Rosendo e Olga Ramos

Raquel Feliciano

Ana Sousa Dias

Moderação: Virgínia Fróis e Sara Matos

Sinopses

Por ordem no programa

Américo Rodrigues
AS POÉTICAS DA VOZ
Performance

“No início era a própria respiração. No início não era o verbo, era a respiração, o vento que circulava dentro dos corpos, o sopro mágico. No início, era, então, o ar. O ar que mantinha o corpo, um corpo feito de ar e sangue. O ar é como o sangue, os dois essenciais. O ar é poético porque é invisível. A poesia é o indizível. Depois veio a voz, sopro feito voz, voz que chora e que ri, que dança, que inquieta, que é remoinho. Vozes que vozeiam, que respiram. Não há uma voz igual, todas diferentes, todas feitas de pedacinhos do ser. Dentro da voz, o mundo de cada um, as emoções. Tudo está inscrito na matriz da voz. A voz, prodigiosa descoberta, antes do fogo e do fogo que há na voz, logo a seguir ao primeiro momento do homem sobre a terra.”

Rui Torres
DO PESO E DA LEVEZA DAS ESCRITAS DIGITAIS

Trata-se de uma conferência-performance em que se encenará um jogo com os conceitos de peso, associado ao texto escrito tradicional, e de leveza, relacionado com as textualidades electrónicas. Partindo de um mapeamento das possibilidades generativas dos textos que assentam em virtualidades combinatórias, pretende-se apresentar ao público a construção de um texto virtual de características hipermediáticas e interactivas que ilustre esse trânsito entre modalidades textuais distintas.

João Barrento
P2 – A PALAVRA DA POESIA

A minha intervenção, que se centrará na problemática do leve e do pesado na linguagem, em particular no campo da poesia, parte da tese da não-oposição entre peso e leveza, vistos como uma manifestação do aparente paradoxo de um «dualismo monista», fundado na atracção do «semelhante pelo semelhante» (Parménides), numa dialéctica dos «opostos sensíveis» ou de uma «alteridade complementar», uma tensão que parece estar sempre presente no acto de criação. Numa abordagem deliberadamente convencional da linguagem poética, perspectivada em função da dualidade peso-leveza, e em plena consciência do carácter oscilante (quase sempre metafórico, no uso comum) que informa qualquer dos termos, assumo o ponto de vista dos cépticos sem certezas, mas abertos à busca de pensamentos instáveis e – espera-se – produtivos. O que me move não é tanto o peso ou a leveza do real ou do Ser (que não poderão deixar de se perfilar no horizonte), nem sequer da criação artística em geral (que será referência da minha demanda particular), mas antes a densidade leve, ou a leveza densa, da palavra «daqueles que adensam a palavra» – que é a tradução literal do nome do «poeta» numa língua como o alemão, e que aqui me serve melhor. E tomo como base de reflexão e análise, fio condutor apoiado pela filosofia da linguagem e pela teoria

poética, um poema de Hölderlin («Como em dia de festa...») cuja versão portuguesa, só por si, me permitirá sustentar as ideias que pretendo transmitir a propósito do peso e da leveza na criação poética, escrita e dita – porque o texto dito (mormente num encontro intitulado «Conversas...»), é impulsionado por uma energia muito própria, que confere desde logo peso ao signo, libertando-o, por outro lado, do peso (morto, afirmam alguns) da palavra fixada na escrita (ou da «coisa mental» do pensamento), para lhe conferir uma outra leveza, para lhe dar asas que não são necessariamente as da palavra efémera. E assim se contradiz o dito latino do «Scripta manent, verba volant». Porque aqui, no poema escrito e dito que nasce do corpo para ir habitar outras regiões, a palavra é voz, e a escrita dos que «adensam a palavra» e a elevam a potências tantas vezes inimagináveis, trabalha com a matéria leve das imagens e das Figuras, para fazer da palavra poética, que tem corpo concreto e é sempre presente, matéria etérea e futurante.

Manuel Portela

A ESCRITA NÃO TOCA O MUNDO

A escrita cria o mundo que descreve. Na escriação materializa-se o desejo da letra. E o sentido é uma alucinação do sujeito. Apontando para o mundo que escria, a escrita escreve-se a si mesma. Retroalimentados pela esrileitura, mundo e sujeito tornam-se sintomas da letra. No toque da escrita começa a loucura.

ESCULTURAS LEVE, A CESTARIA COMO MATÉRIA

Filme Documental

Durante o Verão de 2008, no mês de Julho entre os dias 14 e 18 decorreu no Moinho do Ananil em Montemor-o-Novo uma acção que juntou artistas plásticos e mestres cesteiros com o intuito da criação de esculturas. A matéria vegetal como processo de desenvolvimento dos conceitos de peso e leveza.

Realização: Pedro da Conceição

Edição e Montagem: Pedro Grenha, Pedro da Conceição

Montemor-o-Novo, Agosto de 2009

Duração: 15´

DIFICILMENTE O QUE HABITA PERTO DA ORIGEM ABANDONA O LUGAR

Filme Documental

Alberto Carneiro é escultor. Nasceu na zona rural nortenha de São Mamede do Coronado. Aí exerceu o ofício de santeiro durante vários anos, antes de iniciar um percurso artístico que o transformaria num dos mais importantes artistas da sua geração. Hoje habita no mesmo lugar onde nasceu, num “regresso a casa” que é também um retorno aos lugares que influenciaram as suas propostas artísticas: as coisas da terra, a paisagem e o mundo agrícola e rural do Vale do Coronado. Esta é uma história sobre Alberto Carneiro, vista a partir da sua obra, de 1968, O canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente, assumido como eixo em torno do qual se constrói uma narrativa que sobrepõe os ritmos quotidianos da sua vida à sua obra e, no limite, torna o homem indistinto do próprio escultor.

Ficha técnica:

Um documentário de: Catarina Rosendo e Olga Ramos

Realização: Olga Ramos

Investigação: Catarina Rosendo

Som: Armanda Carvalho

Montagem: Cláudia Varejão e Graça Castanheira

Edição e mistura de som: Miguel Martins

Produzido por: Laranja Azul

Ano: 2008

Duração: 50'

Tomás Maia e André Maranhã

CASA DA ALMA

... sobre a criação, ocorre-nos propor um diálogo sobre a necessidade de criar — que não é porventura outra senão a necessidade de dialogar...

«Casa da alma» — o nome, e não necessariamente a coisa — serve de mote para uma improvisação a duas vozes — pois pelo menos sobre isto haverá um acordo tácito: a coisa criada é qualquer coisa como uma casa da alma, guardando o vazio e o silêncio de uma vida. O diálogo, previamente gravado, será dado a ouvir em lugar a determinar.

Vítor dos Reis

MAIS LEVE QUE O AR: ASCENÇÕES, VOOS, SUSPENSÕES E OUTRAS ACROBACIAS
AÉREAS NOS CÉUS BARROCOS

«Na noite de luar o avião passa como um prodígio Rápido inofensivo e violento»

Sophia de
Mello Breyner Andresen,
«Os Aviões» (Geografia, 1967)

A partir das representações do céu e das suas figuras, em particular das visões barrocas do céu místico ou paradisíaco e das figuras que a ele ascendem ou nele se apresentam, voando ou planando, procurar-se-á abordar: 1) o conflito entre a experiência física do peso dos corpos no mundo real e a sugestão visual de leveza das formas e das figuras representadas nas imagens; 2) a transcendência das leis naturais e a instauração de leis sobrenaturais, operada por figuras, que sendo aparentemente humanas, têm a capacidade de realizar um vasto e impossível conjunto de acrobacias aéreas, da ascensão nos ares, ao voo pleno e à suspensão sob as nossas cabeças; 3) a relação entre a leveza sobrenatural das representações barrocas do céu e a dupla natureza moderna da imagem, a sua imaterialidade e a sua emotividade, que lhe concedeu um papel activo de intervenção nas percepções, memórias, desejos e imaginações humanas – transformando, assim, a nossa estrutura subjectiva e as condições da nossa vida cognitiva.

Rui Oliveira

DA LEVITAÇÃO

Partindo de uma imagem fotográfica de Gerard Castello-Lopes, “Pedra” (Portugal, 1987), descreve-se a ilusão de levitação presente num dos raros ícones da fotografia portuguesa do século XX. Peso e leveza também do olhar fotográfico no contexto das práticas artísticas contemporâneas. O peso da tradição artística, a leveza do acto de fotografar, o papel da intuição. A obra como fragmento do mundo e como duplo do corpo do artista.

Catarina Rosendo Olga Ramos

As autoras do filme “Difícilmente o que habita perto da origem abandona o lugar” falam do processo de trabalho que conduziu à criação do seu filme sobre o escultor Alberto Carneiro, abrindo o universo explorado no documentário às temáticas do peso e da leveza, abordadas do ponto de vista do cruzamento de três áreas distintas e presentes neste projecto fílmico: a escultura, o cinema e a teoria da arte.

Raquel Feliciano

A GRAVIDADE É UMA FORÇA FRACA

O impulso criador deverá corresponder, como todo acto dialéctico e amoroso, a um esforço mais ou menos conseqüente para superar a mortalidade — a condição da nossa matéria densa e a efemeridade do que passa (inclui-se aqui experiência, êxtase, beleza, vida...). Assumindo que por via de diversas ferramentas e caminhos se aspira a suspender a flecha do tempo, a superar a gravidade, a fixidez e a morte,

que teimosamente se recusa a impossibilidade de aspirar às alturas do espaço infinito, trabalhando sobre a própria limitação em que nos situamos e a partir dela... assumindo tudo isto como uma verdade, tratarei de partilhar algumas ideias associáveis ao meu fazer em geral e a uma exposição em particular, na medida em que possam interessar para o tema em discussão. O conjunto de trabalhos que apresentei na F. C. Gulbenkian em 2008, que é a conjunção de três séries numa instalação única, acabou por tomar o título de um texto escrito ano e meio antes para arrumar ideias e entender relações entre as séries então em génese: A gravidade é uma força fraca.

Ana Sousa Dias

A conversa proposta a Ana Sousa Dias tem como base o seu trabalho como jornalista na preparação das entrevistas/conversas. A conversa com o escultor Jorge Vieira será o ponto de partida. Da fala à escrita, a edição.